

A LINGUÍSTICA FUNCIONAL: Uma rápida introdução

Julia Langer de Campos (Doutoranda em Linguística, UFRJ)
Natália Ilse Paulino Machado (Doutoranda em Linguística, UFRJ)
Dennis Castanheira (Mestrando em Linguística, UFRJ)

Na condição de revista discente, acreditamos ser importante introduzir os alunos que começam a se interessar por linguística às diversas vertentes de nossa disciplina. Para iniciar esta série, os pós-graduandos do grupo de estudos Discurso & Gramática da UFRJ nos apresentarão resumidamente o que é a Linguística Funcionalista.

A consolidação do estudo das línguas humanas, como sabemos, passou a ter tratamento científico a partir da obra póstuma de Ferdinand de Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, publicado em 1916. Dessa compilação, três noções básicas foram desenvolvidas: sistema, estrutura e função. A partir de então, a tendência de visão da língua como um conjunto, cujos elementos agrupam-se num todo organizado, norteou os estudos para a estrutura interna das línguas, o que define a Linguística Estruturalista. Entretanto, em 1926, é fundado o Círculo Linguístico de Praga, um grupo de linguistas preocupados em discutir e desenvolver os novos estudos estruturalistas acerca da linguagem. De dentro desse círculo saíram as primeiras críticas a alguns princípios fundamentados por Saussure, e outras influências, como a do filósofo Edmund Husserl e do psicólogo Karl Bühler, levaram os linguistas do círculo a pensar na questão da função como um elemento essencial à linguagem humana. É neste período, então, que o termo função ganha maior atenção, evidenciando uma polissemia deste termo. Os adeptos ao estruturalismo clássico lidavam com esta noção no sentido da relação de unidades formais e contraste com as demais, o que fazia do sistema um todo organizado, enquanto os linguistas do Círculo de Praga utilizavam o termo mais próximo do que depois caracterizará o Funcionalismo, isto é, no sentido de que cada estrutura evidencia uma função comunicativa na língua. Assim, para o pensamento funcionalista, não há formas diferentes que evidenciem significados iguais; ao contrário, prega-se o princípio da não-sinonímia, isto é, se há mudanças na forma, haverá também, em algum grau, uma função comunicativa diferente. A corrente

funcionalista da linguagem defende que a estrutura das línguas é moldada a partir da intenção comunicativa dos falantes; logo, há estreita ligação entre língua e uso.

A partir da década de 1970, o termo “Funcionalismo” alcançou os linguistas dos Estados Unidos, que passaram a orientar seus estudos para uma linguística baseada no uso, observando a língua não apenas no contexto linguístico, mas, principalmente, na situação extralinguística do discurso. Pesquisadores como Sandra Thompson, Talmy Givón, Paul Hopper, entre outros, desenvolveram trabalhos importantes sob a ótica funcionalista, consolidando a tendência de enxergar a língua do ponto de vista da interação social, tendo como principal função a comunicação. Assim, a língua não seria uma estrutura fixa; antes, estaria suscetível às pressões oriundas das diferentes situações comunicativas e, por isso, sua estrutura gramatical se ajustaria à intenção do falante e às motivações do ato comunicativo (cf. Furtado da Cunha, Rios de Oliveira e Martelotta, 2003). Em outras palavras, a Linguística Funcional compreende que a gramática das línguas naturais molda-se a partir das regularidades observadas no uso efetivo da língua, explicadas com base nas condições discursivas em que se verifica a interação sócio-comunicativa.

Atualmente, estudos do grupo Discurso & Gramática, bem como os de outros pesquisadores funcionalistas, como Hopper, Traugott e Bybee, seguem a linha da Linguística (Funcional) Centrada no Uso, termo que, inicialmente, surgiu como a tradução livre de *Usage-based Model*, utilizado por Langacker (1987), a fim de se referir a modelos teóricos que privilegiam o uso da língua. Hoje, este termo é utilizado como um reflexo da junção de estudos desenvolvidos por vertentes do Funcionalismo e do Cognitivismo nos estudos da linguagem. Sendo assim, as estruturas das línguas e suas mudanças são explicadas não só por fatores de ordem comunicativa, focando em aspectos semânticos, pragmáticos, funcionais, sociais e culturais, mas também por fatores de ordem cognitiva, como as habilidades cognitivas gerais que estão na base do conhecimento humano.

CAMPOS, Julia Langer; MACHADO, Natália I. Paulino; CASTANHEIRA, Dennis. A Linguística Funcional: uma rápida introdução, *Linguística Rio*, vol.2, n.2, abril de 2016.

ISSN: 2358-6826
[www.linguisticario.lettras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/lfuncional.pdf]

Enviado: 06 de abril de 2016
Aceito: 07 de abril de 2016
Pub. Online: 08 de abril de 2016

